

Um puta dicionário

Glauco Mattoso

Os idiomas são fenômenos tão dinâmicos (no espaço & no tempo) que as tentativas de inventariá-los em dicionários "completos" resultam tão insuficientes quanto filmar um clássico de futebol num estádio lotado. Cada filme, rodado de cada ângulo, seria um dicionário. Cada fotograma seria um verbete. Cada close uma acepção. Cada corte um palavra. Outra constatação curiosa: enquanto cada idioma tem grande número de dicionários "completos" ou "abreviados", sucessivos e até simultâneos, os dicionários "específicos" ou "especializados" são sempre tapa-buracos. É o caso da gíria e do chulo. Em português, o primeiro dicionário geral (Bluteau) data de 1712, ao passo que a gíria brasileira só começou a merecer atenção dos lingüistas neste século, depois que alguns poetas travessos resolveram tomar a si a tarefa de preencher a lacuna, como fez Raul Pederneiras na **Geringonça carioca**. Com o palavra a coisa é bem mais espinhosa, além de cabeluda. Termos que o tataravô do Bocage já conhecia do berço e que Gregório já usava de velho em 1600-e-cacetada nunca teriam feito parte do vernáculo, se dependesse dos lexicógrafos "oficiais", de Bluteau a Moraes, de Cândido de Figueredo a Laudelino Freire, de Aulete a Aurélio. A bibliografia específica é praticamente inexistente até o raio do século (o curioso & raro **Dicionário moderno** de Bock é de 1903) e os primeiros dicionários assumidamente chulos (Albino Lapa em Portugal, Souto e Horácio de Almeida no Brasil) tiveram que esperar a revolução dos cravos ou a abertura do AI-5 pra desafiar as censuras e desfiar a cultura & grossura. Mazelas de idioma inculto & isolado? Nada disso. O cosmopolitíssimo inglês passou pelas mesmas vicissitudes, se não piores, face ao puritanismo protestante. A palavra *fuck* já estava dicionarizada desde 1598, mas o Oxfords, Websters & similares "oficiais" teimavam em ignorá-la, bem como as de sua laia, eufemisticamente chamadas *four-letter-words* porque em geral são monossílabas do tipo *shit, piss, cock, cunt, arse, etc.* Hoje os principais dicionários de *slang*, desde Wentworth & Flexner até Robert Chapman, dão às *taboo words* o tratamento técnico adequado, que às vezes não passa dum sentido figurado de uso vulgar, geralmente a nível de segunda ou terceira acepção, do vocábulo normal ou *standard*. Assim, *cock* significa "galo", mas na gíria é palavra se significar "pênis". No português ocorre o mesmo: "pau" significa *stick* ou *wood*, mas na gíria é palavra naquela acepção fálica. Até aqui morreu Neves, mas é aqui que a porca torce o rabo. Entra Pedro o Podre e joga a questão: "Cacete, se todos que conhecem fluentemente as duas línguas estão carecas de saber que o nosso "pau" é o *cock* deles, por que caralho isso não aparece em nenhum dicionário bilingüe, já que tanto lá como aqui os palavraes mais manjados estão dicionarizados?" Boa pergunta, à qual o Glauco aqui tratou de procurar resposta. O resultado foi que tive de compilar um novo & pioneiro dicionário bilingüe em pleno fim da década de 80. Parece exagero? Então confirmem comigo. Ironicamente, a palavra *fuck* foi verbetada pela primeira vez num dicionário bilingüe italiano-inglês, arcaicamente intitulado **A Worlde of Wordes**, de John Florio. Pro português foi preciso aguardar 384 anos, até sair o mais copioso **Dicionário inglês-português** editado por Antônio Houaiss - e mesmo assim a coisa continua fodida, pois Houaiss registra *fuck* mais traduz pudicamente como "ato sexual" e "ter relações sexuais com", ao invés de seguir o princípio da equivalência de emprego sob a rubrica "gíria vulgar", que exigiria as traduções "foda" e "foder". Do lado oposto, a contrapartida à obra de Houaiss é o **Portuguese-English dictionary** de James L. Taylor, reeditado desde 1958, que não consigna "foda" nem "foder" e por conseguinte fecha ao consulente brasileiro o acesso ao termo *fuck*. E fique claro que estou falando dos bilingües mais completos. Os demais são

de uso didático & escolar, o que torna perda de tempo qualquer consulta a vocábulos chulos. O mesmo se aplica aos bilingües só de giria e expressões idiomáticas, como os de Serpa (MEC/FENAME) ou Collins & Gomes (Pioneira), dirigidos a público estudantil. Conclusão: eu teria que partir da estaca zero. Bota pioneirismo nisso, seu Glauco! Fui paciente. Passei três anos lendo as piores baixarias da literatura pornográfica & escatológica americana & britânica. Fichei não apenas palavras isoladas como também locuções e frases feitas. Alfabetei e cotejei tudo com os dicionários de *slang* e os repositórios específicos como o **Playboy's book of forbidden words** de Robert Wilson. Segundo passo: garimpar todos os termos & expressões rotulados de "chulo" pelo Aurélio e checá-lo com os dicionários de palavras em português. Terceiro passo: casar todo o repertório em português com o equivalente inglês e preencher os claros. Quarto passo: redigir os verbetes de acordo com critérios lexicográficos padronizados. Aqui tive de superar dois empecilhos. Um foi a natural dificuldade do brasileiro que precisa definir com exatidão o significado dum termo da sua língua prum leitor estrangeiro. A redação português-inglês foi sem dúvida a etapa mais trabalhosa. Outro foi a falta de método dos próprios dicionaristas como Mário Souto Maior, cujo **Dicionário do palavrão e termos afins**, embora útil & meritório, carece do mais elementar critério lexicográfico, incorrendo em erros primários do tipo: não registrar categoria gramatical; dar confusamente como sinônimos formas substantivas, adjetivas e verbais ("*Adiantança* (...) O mesmo que *pisar-no-sacramento*"; "*cobras, engolir* = pederasta"); colocar hífen onde existe ("*abelha-mestra*") e onde não existe ("*afogar-oganso*"); omitir termos de uso corrente ("*cafetão*", "*cafetina*") e incluir regionalismos restritos ("*barixu*") - pra não falar da falta de rigor na alfabetação e na referenciação bibliográfica. E pra não pensarem que as falhas só caem nas costas dos menos qualificados, lembro que o próprio Aurélio deu seus cochilos quando registrou "*mijão*" e esqueceu de registrar "*cagão*". Encurtando a história: acabei produzindo um repertório maior do que esperava, embora sem ultrapassar o âmbito dum volume portátil (cerca de 4000 verbetes), donde o título **Dicionário do palavrão & correlatos** (Rio de Janeiro: Record, 1990), no qual só a parte português-inglês já se constitui num corpo mais estruturado que os similares monolíngües. Para exemplificar meu método, consideremos dois termos dos mais correntes, como "puta" e "cu". Ao invés de proceder como o Aurélio, que remete "puta" e seus sinônimos para "meretriz" quando deveria fazê-lo para "prostituta" (o termo mais genérico), fiz o oposto, isto é, remeto todos os sinônimos ("*bregueira*", "*piranha*", "*quenga*", etc.), inclusive os eruditos ("*messalina*", "*vulgívaga*", etc.), ao todo uns cem, para "puta" (o termo mais vulgar). Este, por sua vez, traz a tradução para o mais vulgar em inglês (*bitch*) juntamente com toda a sinonímia (mais de cinquenta). O mesmo ocorre na parte inglês-português, onde sinônimos como *whore* ou *hustler* embora populares, remetem ao mais vulgar de todos (*bitch*), que dá a tradução para "puta" e seus cem sinônimos. Dessa forma o leitor é conduzido a "verbetes-armazéns" que concentram todas as opções possíveis para a expressão dum significado, cabendo-lhe decidir, como árbitro da tradução, qual a alternativa mais adequada, tanto no sentido como na forma. Mas os verbetes não param aí. Após a sinonímia vem a fraseologia. No caso de "cu", depois de *ass* & equivalentes passasse aos provérbios do tipo "Quem tem cu tem medo", às expressões verbais do tipo "dar o cu" ou "tirar o cu da reta"; substantivas ("*olho do cu*"); adjetivas ("*pelado como cu de touro*"); e interjetivas ("*Vai tomar no cu!*"). Os xingamentos são um detalhe à parte. Todos os insultos também estão concentrados em verbetes-armazéns: em português, sob o verbo "putear"; em inglês, na expressão *to call names*, de modo a facilitar a vida de quem quer mandar o próximo "àquela parte" ou dizer-lhe "cobras e lagartos", formas eufemísticas também presentes no meu **Dicionário**. Como se vê, é baixaria pra diplomata nenhum botar defeito. Pra diplomandos também serve, sem falar nos desbocados, nos desbundados e nos despigorados. Quero ser um mico de circo se não se tratar dum sucesso editorial. Ou, como se diz por lá, *I'll be dipped in shit if...*